

RESENHA:

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas da (Org.). *Encarnação e Transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois*. Cascavel, PR: EdUNIOESTE, 2014, 153p.

Aportes a uma filosofia concreta: transcendência e encarnação

ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS*



Em 2013, completou-se quarenta anos da morte do filósofo francês Gabriel Marcel (1889-1973); no ano que vem, se comemorará os noventa de uma de suas principais obras, *Diários Metafísicos* (1927-2017). Um filósofo entre duas efemérides? Muito mais do que isso, duas datas oportunas para o incremento da recepção da obra marceliana em solo brasileiro.

Gabriel Marcel foi, insofismavelmente, uma das mais caras presenças na cena intelectual francesa nas primeiras décadas do século passado. À semelhança de Leon Bloy (cuja sombra paterna alentou o turno de Jacques Maritain, Raïssa Maritain e Étienne Gilson), também Marcel serviu de

referência para jovens candidatos a filósofos que depois figurariam como nomes destacados do pensamento francês contemporâneo: Jean Wahl, Louis Lavelle e Paul Ricoeur são apenas alguns que podemos aludir. Sem pretender a divisa de pensador acadêmico, Gabriel Marcel desenvolveu temas e, no conjunto amplo de suas obras, levantou questões que inseminaram mesmo a filosofia feita nas cátedras. Desta sorte, não seria demasiado dizer que a filosofia do corpo próprio, desenvolvida por Maurice Merleau-Ponty; a problemática fenomenológica da intersubjetividade, viva na obra de Emmanuel Lévinas, e os contextos da narratividade, na pedra de toque de Paul Ricoeur, lhe são, em grande parte, tributários (isso sem dizer que nosso filósofo, que também era dramaturgo, já escrevia peças de teatro, antes mesmo de Jean-Paul Sartre, nas quais os temas de seu pensamento povoavam seus enredos). Essas notas esparsas, entretanto, podem bem pouco quando a tarefa é retratar a figura filosófica de Gabriel Marcel e, se for verdade que a melhor maneira de apresentar um pensador é fazê-lo por meio de seu pensamento, julgamos que tal caracterização teria mais a ganhar com a recensão de um trabalho que faz dessa filosofia seu principal escopo.

Encarnação e Transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois é uma coletânea de ensaios organizada por Claudinei Aparecido Freitas da Silva, pesquisador cujo trabalho se confunde com os esforços recentes de recepção e difusão da filosofia de Marcel no Brasil. Tal esforço se reveste de especial distinção ao nos darmos conta de que a assimilação dessa filosofia em solo brasileiro ainda é insipiente se comparada ao que se observa no mundo hispânico, que traduz e produz fortuna crítica nessa matéria desde a década de 1950.¹ Tendo essa defasagem em vista, a referida edição vem com o propósito de trazer ao público brasileiro algo da filosofia do autor que (a despeito do trabalho diligente da *Association Internationale "Présence de Gabriel Marcel"*) ainda é proporcionalmente pouco conhecida se comparada a outros filósofos franceses como Henri Bergson e o já mencionado Sartre.

Uma visão das ideias de Marcel é entrevista desde o “Prefácio” (p. 7-11), assinado pelo representante daquela Associação Internacional. O francês Pascal David, além de registrar em seu escrito o quanto o livro em apreço é oportuno, nos revela preliminarmente traços característicos do modo de pensar de nosso autor ao nos assegurar que ele: “[...] é um filósofo, isto é, um homem que não se satisfaz com fórmulas prontas, mas que quer alcançar por, ele mesmo, o mundo, o real, o concreto, tal como é dado à nossa experiência. Com Gabriel Marcel, encontramos Sócrates”. (p. 7). Nessa passagem, a referência ao grego não é uma comparação elogiosa, trata-se da indicação de que o pensamento de Marcel possui caráter dinâmico, propiciando uma contínua revisão, uma permanente reinvenção e uma incessante recondução ao que há de concreto na filosofia.

O tom convidativo desse prólogo conserva-se na “Apresentação” (p. 13-17), a cargo do organizador do volume. Nesta, além da justificativa inteiramente plausível de uma edição cujo fito é lembrar os anos do desaparecimento de Gabriel Marcel, se ressalva a versatilidade do filósofo e se apreciam as emulações de tal pensamento na cultura atual. Um remate a isso – no qual também se patenteia o juízo que Claudinei A. F. da Silva faz desse pensamento – se formula nos seguintes termos: “[...] Marcel é um pensador da finitude e da história, um intelectual comprometido com o seu tempo que jamais abdica de interrogar a alteridade e a liberdade”. (p. 14).

Após esses dois preâmbulos, passamos propriamente aos capítulos. O primeiro ensaio de *Encarnação e transcendência* é de autoria de Martín Grassi, que é doutor pela Universidad de Buenos Aires – UBA. Em “O Deus da fé na filosofia concreta de Gabriel Marcel” (p. 19-42) o argentino aborda o problema religioso e a investigação metafísica tocante ao conceito de Deus na obra do pensador francês. O intuito é indicar como, desde o início, Marcel se mostra especialmente ocupado com temas como o horizonte aberto da fé, a inteligibilidade da experiência religiosa e a experiência de Deus como um “Tu” absoluto. Partindo das exigências de sua filosofia concreta, para Marcel, a experiência divina não se enunciaria em uma conceptualidade abstrata, mas é revelada na polaridade de uma experiência religiosa dirigida pela absolutidade da pessoa (“Tu”) de Deus. A partir do ensaio de Grassi, se depreende que os discursos acerca do fundamento *onto-teo-lógico* da metafísica e da teologia têm em Marcel seu primeiro crítico. O resultado de tal crítica seria o deslocamento de uma filosofia objetiva de Deus para uma

procura por meio da fé. Fica franqueado, assim, que tal busca reflexiva pelo *Deus da fé* apenas se revela em face do *Tu absoluto*; do mesmo modo, o quanto seria im procedente insistir numa teodiceia.

O segundo escrito reunido é o de José André de Azevedo. Mestre em filosofia pela UNIOESTE, o pesquisador inicia colocando a pergunta que também intitula seu capítulo: “O que significa filosofar concretamente?” (p. 43-60). Tal questão, originalmente posta por Gabriel Marcel em seu *Esboço de uma filosofia concreta* (1940), enfoca o estatuto mais próprio da filosofia, bem como o seu *modus operandi*. Movido pela provocação do tema, o comentador segue Marcel em sua maneira aguda de interrogar o real. Assim, o filósofo perguntaria pelo “ser” estando ele mesmo imerso no mistério que o ser constitui.

Na sequência, José Manuel Beato, Doutor em filosofia pela Universidade de Coimbra, se introduz com o ensaio: “O tempo da esperança em Gabriel Marcel e Vladimir Jankélévitch” (p. 61-111). Nesse terceiro capítulo, o autor argumenta que Marcel empreende uma meditação transversal à vivência do tempo e ao desafio da morte. O contraponto com Jankélévitch insinuaria pontos de divergência quando o tema em jogo é a esperança no contexto da vivência da irreversibilidade do devir.

O quarto capítulo do livro se intitula “Gabriel Marcel e a intersubjetividade participativa na relação Eu-Tu” (p. 113-125). Com este, Julci Stefano Becker explora o tema da existência encarnada, derivando desse outras tópicas do pensamento de nosso filósofo. Entre tais tópicas, estão, por exemplo: a questão do corpo e sua situacionalidade e a distinção entre os conceitos de problema e mistério. Com isso, o

comentador permite que se compreenda como o filósofo se aproxima de questões clássicas como a questão ontológica e como o homem tem sua existência indissociavelmente atrelada ao mistério.

Contemplando a lavra dramatúrgica de nosso pensador, Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, encerra o livro que organiza com um capítulo seu. “A figuração do ambíguo” (p. 127-148) evidencia a verve lítero-filosófica de Gabriel Marcel ao partir de uma breve análise de *Roma não é mais em Roma* (1951), drama que nos faz ver o que ele próprio denominara “a inextrincável ambiguidade” da existência. Tal ambiguidade, como ressalta o filósofo, é fundada na estrutura existencial do humano; sendo, portanto, aquilo por meio do qual a situação humana expõe o que é mais radical, paradoxal e trágico. De acordo com nosso especialista, estaríamos diante de uma “fenomenologia do trágico”, já que o personagem marceliano é construído como tragicamente ambíguo. Em última instância, o drama em Marcel, justamente pelo efeito catártico que toma de empréstimo da tragédia, promove um modo de “desconstrução” do *Eu* do personagem, este que passa a não mais se definir como uma subjetividade ideal. Que estatuto teria doravante este *Eu*? Ele é a figuração mais radical da própria ambiguidade: “Ou seja, quando *somos e não somos, vemos e não vemos*, é o paradoxo ou a ambiguidade de um duplo *Eu* que se revela tragicamente.” (p. 139).

Ao chegar ao seu fim, é possível se perguntar o quanto a obra em apreço não forneceria elementos para que o leitor se convença da abrangência e profundidade do pensamento de Gabriel Marcel, bem como se persuada de sua atualidade e singularidade frente às

demandas próprias a filosofia contemporânea.

Volume n.º 14 da *Série Estudos Filosóficos*, editada pela proativa EdUNIOESTE, *Encarnação e transcendência: Gabriel Marcel, 40 anos depois* é título que se apresenta em impecável edição, possuindo diagramação limpa e acurada revisão.

Também por essas qualidades editoriais, o livro é digno de enfática recomendação por essa resenha informativa da edição.

Recebido em 2016-05-17
Publicado em 2016-08-05



* **ROBERTO S. KAHLMEYER-MERTENS** é Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

¹ Esclareça-se que, no Brasil, iniciativas como a de traduzir e publicar, em 1961, *A revolução da esperança*, pela editora de José Olympio, são tão louváveis quanto isoladas.